

MACAU (ENQUANTO ‘CRONÓTOPO’ EXÓTICO) NA LITERATURA INGLESA*

Rogério Miguel Puga**

“[...] *we should share with the Portugall in the East*”

Humphrey Gilbert, «A discourse ...», in Richard Hakluyt, *Voyages*, vol. 5, 1962, p. 116.

Enclave multi-étnico desde a sua formação, Macau tem sido, desde cedo, um referente geográfico-cultural que serve de *background* para inúmeras aventuras ficcionais. Através do presente texto pretendemos apresentar um sumário geral em torno da representação da Cidade do Santo Nome de Deus na literatura inglesa, fruto de um projecto que nos encontramos actualmente a desenvolver. Para o efeito, contextualizaremos a viagem e a presença inglesa desde o Oceano Índico ao Extremo-Oriente na senda dos “Portugales”, bem como as relações anglo-portuguesas no Sul da China, nomeadamente em Macau, seleccionando excertos de obras que consideramos mais representativas dos temas e tópicos que formam a imagem do território ao longo de aproximadamente quatro séculos.

Desde meados do século XVI, “the seafaring Portingale”¹ tem marcado presença no enclave do Sul da China, ponto estratégico do comércio

* Versão aumentada e revista da comunicação que apresentamos no I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, 7 de Maio de 2001.

** I. S. E. C. Lisboa. Bolseiro da Fundação Oriente.

¹ William Harrison (1535-93), “*The Description of England: Folger Documents of Tudor and Stuart Civilization*”, capítulo 4: “Of the Food and Diet of the English”, 1968, p. 126. A respeito da presença da cultura portuguesa em Macau veja-se Rafael Ávila de Azevedo, *passim* “*A influência da cultura portuguesa em Macau*”, 1984.

lusitano com o Japão, e, desde cedo, um local singular, visitado e utilizado como porta de entrada para a China e para o Extremo Oriente por mercadores, navegadores e missionários europeus. A presença dos ingleses em Macau terá, então, que ser analisada à luz da expansão marítima da Europa do Norte na Ásia². Segundo Diogo Ramada Curto, “[...] a história da concorrência entre as diversas nações europeias no Oriente — caracterizada na segunda metade do século XVII por uma série de conquistas dos Holandeses aos Portugueses e da cedência de Bombaim aos Ingleses — pode também ser avaliada em função da cultura escrita e das práticas de comunicação [...]”³, sendo esse o nosso objectivo. As descrições, quer do quotidiano quer da vivência multicultural que se testemunham em Macau, poderão, assim, ser entendidas de uma forma mais completa se interpretadas à luz da documentação e obras literárias inglesas, pois nesse mesmo tecido de textos ficcionais, históricos e etnográficos encontramos um olhar-confronto ‘estrangeiro’ e protestante, logo diferente da visão católica/portuguesa do território em questão⁴. Recordando que o Oriente é, de acordo com Edward Said⁵, também e até certo ponto, uma representação literária do Ocidente, procuremos igualmente sistemas de significação, ou seja, diversos denominadores comuns presentes em algumas das obras que analisámos.

² Veja-se Hosea Ballou Morse, *passim* “*The Chronicles of the East India Company Trading to China 1635-1834*”, 4 vols., 1926.

³ Diogo Ramada Curto, «*Descrições e relatos de viagem ao Oriente da segunda metade do século XVII*», 1998, p. 484.

⁴ Teoria abordada recentemente por Anna Grimshaw, *passim* “*The Ethnographer’s Eye: Ways of Seeing in Modern Anthropology*”, 2001, p. ix, através do conceito “ocularcentrism [...the] relationship between vision and knowledge in Western discourse [...]”. Os textos ingleses poderão complementar os portugueses/europeus no que diz respeito a determinadas ausências de informação. Por exemplo, o texto de Peter Mundy (1637) é muito mais rico em termos etnográficos e da representação do exótico do que o de António Bocarro (1635).

⁵ Edward Said, *passim* “*Orientalism*”, 1995 [1978]. A propósito da representação/leitura e tradução do Outro vejam-se Claude Lévi-Strauss, “*Race et Histoire*”, 1952; François Jost, «*Literary Exoticism*», in *Introduction to Comparative Literature*, 1974, pp. 109-126; Victor Segalen: “*Essai sur l’exotisme*”, 1978; Francis Affergan, “*Exotisme et Altérité*”, 1987; Tzvetan Todorov, “*Nous et les autres*”, 1989; Jean-Marc Moura, “*Lire l’Exotisme*”, 1992; Ovidi Carbonell i Cortés, “*Traducir al Otro: traducción, exotismo, poscolonialismo*”, 1997; Maria Alzira Seixo (Coord.), “*Cursos da Arrábita: A Viagem na Literatura*”, 1997; Fernando Cristóvão (Coord.), “*Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografia*”, 1999; Rogério Miguel Puga, s.v. «*Exotismo*», in Carlos Ceia (dir.), “*Dicionário de Termos Literários*”, no prelo.

Em relação à presença dos ‘red haired devils’⁶ no Oriente, a Inglaterra, na senda dos descobrimentos e da expansão ibéricos, bem como das façanhas marítimas e lucros comerciais da França e dos Países Baixos, inicia o seu processo de expansão pelos quatro cantos do globo, não sendo Macau uma excepção, sobretudo a partir do século XVII. *Sir Francis Drake* (c. 1540-1596), *Sir Walter Raleigh* (?1552-1618), entre outros ‘*sea dogs*’, percorrem as Índias Orientais e Ocidentais, rivalizando, acima de tudo, com o poder ibérico estabelecido nessas paragens, lutando também contra franceses e holandeses. Os navegadores ingleses bem como a *East India Company* (E. I. C.) desde 1600⁷ vão tendo acesso a muita da informação fruto do saber “[...] de experiências feito [...]”⁸ dos portugueses através de traduções de obras publicadas e manuscritos roubados em embarcações europeias e que contêm dados essenciais para um melhor reconhecimento e abordagem humana e comercial dos territórios recentemente contactados nos quais os portugueses haviam já estabelecido as suas rotas comerciais⁹. De acordo com Kirti Chaudiri¹⁰, a data simbólica para o começo indirecto das longas lutas entre os portugueses, holandeses e ingleses no oceano Índico será 1580, o ano da morte do cardeal D. Henrique que vê Filipe II de Espanha — inimigo ‘papista’ de Inglaterra — a lutar pelo trono português. As Companhias inglesa e holandesa das Índias Orientais chegam, posteriormente, ao Oceano Índico, ameaçando a supremacia portuguesa ao estabelecerem-se de forma mais sistemática para rivalizar com a expansão portuguesa e recolher parte do lucro do comércio da região. A expansão norte-europeia, mais organizada em torno de objectivos específicos subjacentes ao lucro comercial, e fruto de iniciativas privadas com base no capital por acções, distancia-se, assim, da expansão ibérica¹¹.

⁶ Forma como os chineses designam os ingleses devido à cor do seu cabelo, distinguindo-os, assim, dos portugueses.

⁷ Veja-se John Keay, “*The Honourable Company: A History of the East India Company*”, *passim* 1993.

⁸ Luís Vaz de Camões, “*Os Lusíadas*”, 1987, IV: 94.

⁹ Vide Rogério Miguel Puga, «The Presence of the ‘Portugals’ in Macao and Japan in Rihvard Hakluyt’s *Navigations*», “*Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*”, vol. V, 2003, no prelo.

¹⁰ Kirti Chaudhuri, «*A concorrência holandesa e inglesa*», 1998, pp. 82 ss.

¹¹ Para uma história da expansão inglesa veja-se Nicholas Canny (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 1: “*The Origins of the Empire*”, 2001.

Após a expulsão das Ilhas das Especiarias pelos holandeses, os ingleses viram-se para o subcontinente indiano¹², onde a presença portuguesa se faz sentir há já um século, sendo a primeira expedição (fracassada) de um norte europeu às Índias Orientais a do capitão inglês James Lancaster¹³. No início de século XVII, os ingleses, recorrendo ao seu poder militar naval e à diplomacia, lutam contra portugueses e nativos pela fundação da feitoria de Surrate, e em 1622, juntamente com o governador persa, capturam Ormuz, adquirindo cada vez mais terreno e poder num território em que anteriormente os portugueses detinham o monopólio. As esquadras combinadas anglo-holandesas combatem contra as embarcações portuguesas e em 1625 vinte e sete ingleses do navio *Lion* são capturados, executados e as suas cabeças embrulhadas em seda e enviadas à E. I. C. Existem, no entanto, relatos de contactos amigáveis ao longo de todo o Oriente, por exemplo o do médico da E. I. C, John Fryer que, nos anos de 1670, é convidado a ir tratar a filha do governador de Baçaim, descrevendo a cidade¹⁴.

¹² Cf. Rogério Miguel Puga, «A Índia Portuguesa em “*The Principal Navigations*” de Richard Hakluyt», *Estudos Orientais*, no prelo.

¹³ Sobre as viagens de James Lancaster, veja-se Richard Hakluyt, «(A) voyage with three tall ships, the Penelope Admirall, the Marchant royall Viceamirall, and the Edward Bonaventure rereadmirall, to the East Indies, by the Cape of Buona Speransa, to Quitangone neere Mosambique, to the Iles of Comoro and Zanzibar on the backside of Africa, and beyond cape Comori in India, to the Iles of Nicubar and of Gomes Polo within two leagues of Sumatra, to the Ilands of Pulo Pinaom, and thence to the maine land of Malacca, begunne by M. George Raymond, in the yeere 1591, and performed by M. James Lancaster, and written from the mouth of Edmund Barker of Ipswich, his lieutenant in the sayd voyage, by M. Richard Hakluyt.», in Richard Hakluyt, “*Voyages in Eight Volumes*”, vol. 4, 1962, pp. 242-259; «(The) well goverened and prosperous voyage of M. James Lancaster, begun with three ships and a galley-frigat from London in October 1594, and intended for Fernambuck, the port-towne of Olinda in Brasil. In which voyage (besides the taking of nine and twenty ships and frigats) he surprized the sayd port-towne, being strongly fortified and manned: and held possession therof thirty dayes together (notwithstanding many bolde assaults of the enemy both by land and water) and also providently defeated their dangerous and almost inevitable fireworks. Heere he found the cargazon or freight of a rich East Indian carack; which together with great abundance of sugars, Brasil-wood, and cotton he brought from thence; lading therewith fifteene sailes of tall ships and barks.», in Richard Hakluyt, op. cit., vol. 8, pp. 26-44. Sobre Sir James Lancaster (d. 1618) veja-se a edição de Jack Beeching de *Richard Hakluyt. “Voyages and Discoveries: The Principasl Navigations...”*, 1972, pp. 423-24: “[...] Lancaster was brought up among the Portuguese. [...] He reached Penang and Ceylon returning in 1594 [...]. He had acquired plunder and the news that the Portuguese monopoly of the Cape route was broken.”

¹⁴ Cf. John Fryer, “*A New Account of East India and Persia*”, 1909-1915.

Em 1635 é assinado um tratado de paz e cooperação entre o inglês William Methwold e o vice-rei da Índia, o conde de Linhares, que abre um novo ciclo do comércio no Índico (Convenção de Goa)¹⁵. Em 1668, Bombaim é entregue a Charles II como dote de casamento de Catarina de Bragança, delegando o monarca a sua administração à Companhia das Índias inglesa, cuja acção, juntamente com a da VOC e dos mercadores independentes europeus, contribuiu para a queda do império português no Índico, devido aos ataques navais e terrestres e à feroz concorrência comercial.

A presença inglesa estende-se e enraizasse no Índico e, progressivamente, no Japão onde os ingleses fundam uma feitoria em Hirado que resiste até 1623 e de onde estes tentam penetrar no Sul da China, sendo que no final do século XVII o comércio de Macau encontra-se enfraquecido, após a era de ouro do estabelecimento português no delta do Rio das Pérolas, que tudo faz para manter os mercadores ingleses o mais longe possível das suas possessões e rotas comerciais¹⁶. O comércio com Nagasáqui chega ao fim, a fome assola a cidade em 1648, afectando os seus 40.000 habitantes e na década de 60 os Manchus invadem o Sul da China, sendo todos os chineses forçados a abandonar a cidade que luta contra a pobreza em prol da sua própria sobrevivência¹⁷.

Nos séculos XVIII-XIX, a presença inglesa em Macau aumenta com o ‘China trade’, pois as autoridades chinesas apenas autorizam os mercadores ingleses a permanecer na feitoria de Cantão durante a ‘trade season’, estabelecendo-se os agentes da E. I. C. e ‘interloopers’ em Macau durante o resto do ano, onde a partir de 1773 alugam uma sede, a Casa Garden¹⁸ no jardim que alberga a (quase mítica) gruta de Camões. O comércio com a China torna-se um dos maiores objectivos dos mercadores ingleses que traziam ópio de Bengala para a China, importando chá para a Inglaterra, e que após a Revolução Americana vêm chegar a Can-

¹⁵ Veja-se Morse, *op. cit.*, vol. 1, pp. 12-13.

¹⁶ A propósito deste tema veja-se Rogério Miguel Puga, «*Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy's Travels (1637)*», “*Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*”, vol. 1, 2000, pp. 97-109.

¹⁷ Cf. John E. Wills, Jr., «*The survival of Macao, 1640-1720*», 1999, pp. 111-124.

¹⁸ Em relação à Casa Garden vejam-se Carla Alferes Pinto, «*A Casa Garden na cidade do Nome de Deus de Macau*», *Oriente*, n. 1, 2001, pp. 18-22. Rogério Beltrão Coelho, *Casa Garden*, 1991.

ção um novo rival, a jovem nação da “*flowery banner*”¹⁹ que em pouco tempo se torna o segundo maior comerciante no empório ‘celestial’. Esse comércio (de ópio) coloca a economia e a população chinesa em perigo, levando o Imperador a proibir o mesmo, iniciando-se, assim, os conflitos que darão lugar às Guerras do Ópio, e à fundação de Hong Kong²⁰, durante as quais Macau mantém uma posição relativamente neutra para agradar quer às autoridades chinesas quer à sua velha aliada europeia²¹. O enclave sob administração portuguesa será um ponto estratégico de onde os ingleses partirão para lutar contra as tropas chinesas e, mais tarde, para povoarem a sua (futura) colónia, para onde se observa uma forte emigração portuguesa, tornando-se a comunidade lusitana aí influente. Já os ingleses residentes em Hong Kong adoptam a pitoresca e ‘sonolenta’ cidade de Macau como retiro de fim-de-semana ou férias, dando origem a inúmeras descrições da mesma²².

Ainda no século XVI várias descrições de Macau chegam a Londres, directa e indirectamente, através dos navegadores e documentos resgatados em embarcações portuguesas tomadas pelos corsários súbditos de Isabel I. Samuel Purchas e antes dele, Richard Hakluyt em “*The Principal Navigations of the English Nation*”²³, assim como os autores europeus das fontes que este último recolhe, traduz e publica, referem as façanhas marítimas dos “Portingalls” e, por diversas vezes, Macau²⁴. O viajante italiano Cesare Frederici refere a convivência luso-chinesa em

¹⁹ De acordo com J. M. Braga, “*With the Flowery Banner*”, 1940, p. 1, “[...] Chinese nicknames are anything if not picturesque, and when in 1784, the EMPRESS OF CHINA, flying the newly made American flag, appeared off Macao, the Chinese were intrigued by the strange combination of stars and red and white stripes. So they called it the “flowery banner,” and the name still remains”. Sobre a presença norte-americana no Sul da China, e mais especificamente, em Macau no século XIX, vejamos: Jacques M. Downs, “*The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy*”, 1784-1844, 1997.

²⁰ Veja-se G. B. Endacott, “*A History of Hong Kong*”, 1977, pp. 4ss.

²¹ Para um estudo sobre Macau e as Guerras do Ópio veja-se Alfredo Gomes Dias, “*Macau e a I Guerra do Ópio*”, 1993, idem, “*Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*”, 1998.

²² Cf. J. M. Braga, “*Hong Kong and Macao*”, 1960.

²³ Veja-se David Armitage, “*The Ideological Origins of the British Empire*”, 2000, pp. 61-124.

²⁴ Apresentamos apenas algumas das referências a Macau que consideramos mais relevantes. Para um estudo mais detalhado das referências de Richard Hakluyt a Macau, veja-se Rogério Miguel Puga, «The Presence of the “Portugales” in Macao and in Richard Hakluyt’s *Navigations*», “*Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*”, 2002, no prelo.

Macau e Cantão, sendo esta uma das primeiras referências ao território traduzidas para o inglês:

[...] There goeth out of Chaul for Mallaca, for the Indies, for **Macao**, for Portugall, for the coasts of Melinde, for Ormus, [...] The **Portugals** have made a small citie neere unto the coast of China called **Macao**, whose church and houses are of wood, and it hath a bishoprike, but the customs belong to the king of China, and they goe and pay the same at a citie called Canton, [...] so that when the Portugals go thither to pay their custome, and to buy their merchandize, they will not consent that they shall lie or lodge within the citie, but send them foorth into the suburbes. [...] For that the people of the countrey will not suffer the Portugales to come within the land, but onely for wood and water, and as for all other things that they wanted, as victuals or marchandise, the people bring that a boord the ship in small barkes [...]”²⁵.

Descrição esta de que (também) Daniel Defoe fará eco, em 1719, em *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, apesar de afirmar que a cidade já não é “pertença” dos portugueses e que dela fazem uso os missionários europeus para entrar em território chinês: “[...] Macao, a town once in the possession of the Portuguese, and where still a great many European families resided, and particularly the missionary priests usually went thither, in order to their going forward to China [...]”²⁶.

Hakluyt refere igualmente a embarcação portuguesa *Madre de Deus* (*Madre de Dios*), capturada ao regressar das Índias Orientais e cuja rique-

²⁵ Caeser Fredericke, «*The voyage and travel of M. Caesar Fredericke, Marchant of Venice, into the East Indie, and beyond the Indies ...: Of the cities of Chaul, and of the Palmer tree.*», in Richard Hakluyt, *op. cit.*, vol. 3, 1962, pp. 210-232-233, respectivamente, negrito nosso.

²⁶ Daniel Defoe, “*The Farther Adventures of Robinson Crusoe*”, 1969, p. 368. A. L. Rowse, na sua obra “*The Expansion of Elizabethan England*”, 1955, p. 199, afirma que o navegador inglês John Newberry viaja por Ormuz, na senda dos portugueses, fazendo amizade com o comandante do forte através de subornos; este último autoriza-o a viajar até Goa, “[...] the chief link in the chain of Portuguese stations that controlled the trade along these coasts all the way to Macao in China.” Para o relato da viagem de John Newberry pela Índia portuguesa veja-se «His [John Newberry] third Letter to Maister Leonard Poore, written from Goa.», in Richard Hakluyt, *op. cit.*, vol. 3, pp. 276-280; «(A) letter of M. John Newberry, written from Alepo, to M. Richard Hakluit of Oxford, the 28. Of May, Anno 1583.», in Richard Hakluyt, *op. cit.*, vol. 3, pp. 271-272.

za impressiona a Inglaterra isabelina, suscitando a cobiça dos mercados ingleses em busca de lucros comerciais. A bordo da embarcação, capturada ao largo dos Açores, em 3 de Agosto de 1592, encontram-se mapas e relatos de viagem/exploração portugueses no Oriente que são entregues a Hakluyt e traduzidos para a língua inglesa, nomeadamente o tratado dos jesuítas Duarte Sande e Alessandro Valignano, o segundo livro impresso em Macau. Na «Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition» das Navigations, Hakluyt refere o constante interesse inglês em exportar têxteis para o Oriente, bem como, indiretamente, a actividade cultural já existente na cidade²⁷:

[...] And because our chiefe desire is to find out ample vent of our wollen cloth, the naturall comoditie of this our Realme, the fittest places, which in all my readings and observations I find for that purpose, are the manifold Islands of Japan, & the Northern parts of China [...] and therefore I have here inserted two speciall Treatises of the sayd Countries, one of which I hold to be the most exact of those parts is yet come to light, which was printed in Latine in **Macao** a citie of China, in China-paper, in the yeere a thousand five hundred and ninetie, and was intercepted in the great Carack called Madre de Dios two yeeres after, inclosed in a case of sweete Cedar wood, and lapped up almost an hundred fold in the fine calicut-cloth, as though it had beene some incomparable jewell²⁸.

²⁷ Rui Loureiro, “*Um Tratado sobre o Reino da China dos Padres Duarte de Sande e Alessandro Valignano*”, 1992; Américo da Costa Ramalho, «*Algumas notas sobre a tradução inglesa (1599) do Colóquio sobre a China, escrito em Latim pelo Padre Sande*», 1998, pp. 273-276; idem, Duarte de Sande, S. J., “*Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*”, prefácio, tradução do Latim e notas de Américo da Costa Ramalho, 1997.

²⁸ Richard Hakluyt, «*The Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599: To the Right Honorable Sir Robert Cecil Knight...*», *op. cit.*, vol. I., pp. 44-5: “[...] And because our chiefe desire is to find out ample vent of our wollen cloth, the naturall comoditie of this our Realme, the fittest places, which in all my readings and observations I find for that purpose, are the manifold Islands of Japan, & the Northern parts of China [...] and therefore I have here inserted two speciall Treatises of the sayd Countries, one of which I hold to be the most exact of those parts is yet come to light, which was printed in Latine in **Macao** a citie of China, in China-paper, in the yeere a thousand five hundred and ninetie, and was intercepted in the great Carack called Madre de Dios two yeeres after, inclosed in a case of sweete Cedar wood, and lapped up almost an hundred fold in the fine calicut-cloth, as though it had beene some incomparable jewell.” (negrito nosso).

William Carmichael é o primeiro britânico (de que há registo)²⁹ a visitar Macau, tendo servido o vice-rei da Índia portuguesa durante trinta anos até desertar, em 1611, para se juntar aos holandeses³⁰ e, após algumas visitas esporádicas de embarcações inglesas, em Junho de 1637 a frota do capitão John Weddell ancora próximo de Macau, e um dos seus tripulantes, Peter Mundy, permanece seis meses na cidade, iniciando-se, assim, contactos (mais) sistemáticos de frotas inglesas com o enclave sob administração portuguesa³¹. Após o estabelecimento regular do comércio inglês na China, no início do século XVIII³², o primeiro mercador estrangeiro a estabelecer-se em Macau foi o inglês Robert Jackson, em 1764, seguido pelos oficiais da *East India Company* e, mais tarde, os empregados de firmas comerciais como a Cox & Reid.

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DE UM EXOTISMO CADA VEZ MAIS FAMILIAR

No que diz respeito às inúmeras referências a Macau na literatura inglesa, sobretudo a partir da fundação de Hong Kong, agruparemos, de seguida, as temáticas mais comuns em algumas das obras que consultámos, uma vez que é nosso objectivo apresentar apenas um sumário geral da investigação de um projecto ainda em curso. Estas mesmas descrições encontram-se repletas de uma carga exótica, pois apesar da vivência lusitana no enclave, a maioria da população é chinesa, marcando também cristãos japoneses, indianos e africanos uma forte presença na cidade, tornando-a uma plataforma transcultural singular, face ao isolamento do Império Celeste, além Portas do Cerco.

O olhar/confronto com a singularidade do Outro exótico encontra-se presente ao longo dos relatos de estadas e aventuras pelo Sul da China, paralelamente ao contacto com os Portugueses que aí se encontram,

²⁹ Cf. Benjamim Videira Pires, S.J, “*Os extremos conciliam-se (transculturação em Macau)*”, 1988, p. 165.

³⁰ Cf. Austin Coates, *op. cit.*, p. 48.

³¹ Veja-se Rogério Miguel Puga «*Images and Representations...*», 2000 e idem, «A dimensão da alteridade em *The Travels* de Peter Mundy (1637): Contribuição para o estudo das relações anglo-portuguesas no Extremo-Oriente», “*Revista de Cultura*”, 2002, edição internacional, n.º 3, Julho de 2002, pp. 136-152.

³² Cf. J. L. Cranmer-Byng, «Introduction», in Lord Macartney, “*Britain and China Trade 1635-1842*”, vol. 8: “*An Embassy to China: Lord Macartney’s Journal, 1793-1794*”, 2000, p. 5.

dando início às relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente. Hong Kong é, inúmeras vezes, o ponto de partida para os visitantes que se dirigem a Macau, tendo ouvido falar do pitoresco estabelecimento português, comparando, posteriormente, os dois territórios administrados por estrangeiros. A sonolência da cidade portuguesa bem como a sua vivência multicultural, envolta de jogo e casas de prazer, dá lugar a críticas por parte de inúmeros escritores ingleses, como por exemplo Crosbie Garstin, “*The Dragon and the Lotus*”:

Macao’s three centuries of remunerative isolation ended with the settlement of Hongkong. Never scrupulous, from thence on she was to live by any means that presented itself, [...] as an asylum for criminals, a thieves’ mart, by smuggling, opium, the coolie traffic, gambling hells and official lotteries³³.

Quase todos eles pecados que Hong Kong também partilhou.

O olhar do viajante inglês em Macau demora-se na arquitectura mediterrânica erudita da cidade³⁴, nos usos e costumes das suas comunidades e etnias, bem como no seu aspecto geográfico. Sendo, inicialmente, um olhar mais geral, vai-se detendo em determinados elementos e pormenores ao longo dos tempos e do espaço, dando origem àquilo a que poderíamos denominar de ‘exótico (macro)cronótopo’³⁵, uma vez que a representação de Macau que se vai construindo gradualmente ao longo dos tempos e do espaço da viagem, quer trans-atlântica quer local, no Sul da China, apresenta rupturas e continuidades como que se de um demorado olhar se tratasse, recolhendo imagens como as que George

³³ Crosbie Garstin, “*The Dragon and the Lotus*”, 1928, p. 2.

³⁴ Vejam-se, sobretudo as fotos de Eduardo Tomé e João Murinello, *passim* “*A Herança Arquitectónica de Macau*”, s.d.

³⁵ Termo cunhado por Mikhail Bakhtin, “*The Dialogic Imagination Four Essays*”, 2000, pp. 84-259. O conceito abrange as dominantes espaço-tempo do texto narrativo, ou seja, a dimensão cronotópica do romance. Bakhtin afirma no seu artigo «*Forms of time and of the Chronotope in the Novel: Notes towards a Historical Poetics*», *op. cit.*, p. 84: “[...] The process of assimilating real historical time and space in literature [...]. We will give the name chronotope (literally, “time space”) the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature [...] it expresses the inseparability of space and time (time as the fourth dimension of space) [...], spatial and temporal indicators are fused into one carefully thought-out, concrete whole [...] and] the intersection of axes and fusion of indicators characterizes the artistic chronotope. [...]”

Chinnery (1774-1852)³⁶ eternizou nos seus quadros, entre 1825 e 1852. Fundem-se, assim, nos textos por nós estudados um espaço e um tempo³⁷ exóticos, porque pretéritos. Jonathan Porter no seu estudo sobre Macau, recorda esta mesma dimensão (temporal) singular do território inerente à sua paisagem humanizada e *modus vivendi*:

a city that seemed to exist **from another time** [...] people [...] narrow alleys, jostled in the market, accosted in the shops; children playing in the schoolyards and parks. [...] The city becomes rapidly **smaller** as it recedes in the distance [...] Macau is a very **personal experience**³⁸. There is some quality in the place, something unusual yet **elusive**, that makes a deep impression on the imagination. [...] It is as if the city were not entirely real or, rather, not of the real world. Perhaps that is because it belongs, in fact, not to one but to **two worlds**. [...] It may be that Macau's dreamlike quality arises from its small size and its **isolation**. [...] isolated as much in a historical sense as in a geographical one [...] A place like Macau possesses an accumulated energy that shapes and gives expression to its **history and experience**³⁹.

³⁶ Para um estudo sobre a vida, obra e discípulos de George Chinnery em Macau vejam-se Manuel Teixeira, “*George Chinnery no Bicenténario do seu nascimento*”, 1974; AA VV, “*George Chinnery (1774-1852): Macau uma viagem sentimental*”, 1995.

³⁷ Veja-se o estudo de David Lowenthal, “*The Past is a Foreign Country*”, 1999, p. xvii: “[...] We may fancy an exotic past that contrasts with a humdrum or unhappy present, but we forge it modern tools. The past is a foreign country whose features are shaped by today's predilections, its strangeness domesticated by our own preservation of its vestiges. [...]”

³⁸ Estas mesmas sensações e visões acumulam-se na maioria dos textos de visitantes que chegam ao enclave via marítima, repetindo o movimento dos portugueses no século XVI. Peter Mundy, no século XVII, descreve a cidade ainda do rio, recorrendo à comparação para melhor representar o quadro que se desvenda no delta do Rio das Pérolas: “Macao standeth at one end of a greatt Iland built on rising hills, some gardeins and trees among their houses making a pretty prospecte somewhat resembling Goa, although not soe bigge; Their houses double tyled, and thatt plaistred over againe, for prevention of Hurracanes or violentt wyndes that happen some Yeares, called by the Chinois Tuffaones, which is alsoo the reason (as they say) they build no high towers Nor steeples to their Churches. [...] Beffore Macao are many Ilands, some greater some lesse some inhabited, most part nott [...] many great ones such as wee have in some part off the Westcountry, called **Moorestones** [...]”. (Peter Mundy, «Descrição de Macau, em 1637 por Peter Mundy», in Charles Boxer, “*Macau na Época da Restauração/Macau Three Hundred Years Ago*”, 1993, p. 54, negrito nosso).

³⁹ Jonathan Porter, “*Macau The Imaginary City: Culture and Society, 1557 to the Present*”, 1996, pp. ix, 1 e 3, respectivamente, negrito nosso.

Mercadores, aventureiros, religiosos, diplomatas e jornalistas criam, muitas vezes de acordo com interesses pessoais ou nacionais, a sua imagem do território que vão legando ao ‘English speaking world’, que ora se identifica ora se distancia deste exótico mundo, tornado mais familiar pelos intérpretes e guias portugueses que, desde o século XVI, servem de intermediários entre a Europa e o Império do Meio. A problemática da legitimidade da administração portuguesa e do poder por este povo aí exercido é discutida em inúmeras obras e resumida por uma jovem americana que vive durante quatro anos em Macau (1829-33), pouco antes das Guerras do Ópio que mudariam a forma de viver e ser em Macau para sempre. Harriet Low afirma no seu diário: “People say that the government of Macao is only nominally Portuguese [...]”⁴⁰. O poder comercial no século XVIII pertence, deveras, aos ingleses (E. I. C.).

A exótica toponímia, os monumentos⁴¹, os tipos sociais, as relações de poder, o género e a busca desenfreada de riqueza por parte dos

⁴⁰ Harriet Low Hillard [née Low], «March 3 [1831]», *My Mother's Journal: A Young Lady's Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*, introdução e notas de Katherine Hillard, George H. Ellis, Boston, 1900, p. 86. Para um estudo sobre este mesmo diário veja-se Rogério Miguel Puga, “A vivência social do género na Macau oitocentista: o diário de Harriet Low (Hillard)”, *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, n. 56, vol. XV, 2002, pp. 605-664; idem, *Imagens de Macau oitocentista: a visão intimista de uma jovem americana: O diário de Harriett Low (Hillard) (1829-33)*, “Estudos Sobre a China”, I. S. C. S. P., no prelo. Sobre a razão da permanência e poder (limitado) dos portugueses em Macau veja-se um resumo e bibliografia apresentados por Celina Veiga de Oliveira, «A história e a modelação do estatuto de Macau», in “Administração”, n. 19/20, 1993, pp. 7-21.

⁴¹ As chamadas ruínas de São Paulo são uma dos *ex-libris* de Macau mais descritos, tendo Peter Mundy visitado o enclave pouco depois da Igreja ser terminada: The rooffe of the Church aperteyning to the Collidge (called St. Pauls) is of the fairest Arche that yett I ever saw to my remembrance, of excellentt worckemanshippe, Don by the Chinois, Carved in wood, curiously guilt and painted with exquisite collours, as vermellion, azure, etts., [...] Allsoe there is a New faire Frontispice to the said Church with a spacious ascent to it by many steppes [...]. (Peter Mundy, *op. cit.*, p. 53). Também na literatura norte-americana encontramos longas descrições da fachada da Igreja de Nossa Senhora da Assunção. Charles A. Gunnison no conto «In Macao», in “Wright American Fiction”, v. 3, Press of Commercial Pub. Co. San Francisco, 1892, p. 22, utiliza os degraus das ruínas e a *ephráis* retratada na fachada como *background* e espaço para um duelo amoroso: No more lonely or picturesque ruin ever existed than the church of St. Paul; though human habitations crowd close upon it, they are however the houses of Chinese and make the Christian edifice seem the more solitary. The church is of that favourite style in architecture so common in new and old Spain, which always brings to the mind of the wanderer in foreign lands the name of good San Xavier”. Para um estudo em torno da representação do pitoresco e “sonolento” espaço no conto, veja-se Rogério Miguel Puga, “The picturesqueness of sleepy Macao: singularidade do espaço num conto de Charles Gunnison”, *Oriente*, 2001, pp. 108-118.

comerciantes e piratas marcam também larga presença ao longo do tecido dos textos, funcionando como denominadores comuns e até *tropos* que descodificam a complexa e simultaneamente simples forma de (con)viver na Cidade do Santo Nome de Deus que Austin Coates, envolto pelo ambiente marítimo e fluvial, compara a Veneza, esta última mais familiar para o leitor ocidental: “I always associate Macao with Venice. Whichever one I am in, I always wake up wondering which one it is.”⁴²

A ‘cidade’ cristã tem os seus costumes e leis, bem distintos dos do bazar chinês, e os jogos e passatempos dos portugueses prendem a atenção de visitantes como Peter Mundy que descreve encontros sociais e peças de teatro em tempos de diversão de Macau, entre os quais, um jogo nunca antes visto pelo autor, que teve lugar num Domingo (dia santo e dedicado ao lazer), durante o qual “[...] 15 or 16 Cavalleros and Horsebacke ran att the Ring [...]” para, de seguida, descrever o jogo de Alcanzias, “[...] much used in Spaine [...]”⁴³ e semelhante a um outro jogado em Inglaterra⁴⁴. São ainda descritos outros divertimentos dos habitantes da cidade (“In whatt the Portugalls att Macao Doe take Delightt in, with their recreations”):

[In] their faire large strong Ritche and well furnished houses, Their wives and Children as Ritche in Jewells and apparell, their Number off slaves (For the most part of Men slaves Curled head Caphers and the Female Chinesas), Their meetings, Feastings and rejoycings att their weddings, Christnings and holidaiies (which are often); having Neither Fields Nor gardeins abroad, the Chinois not allowing them. [...] Now and then in their Manchooas, pretty boates of which there is scarce any house of quality butt is provided, they goe with their Families to the smalle baies and Creekes thatt ly among the adjoyning Ilands, where they remaine 8 or 10 daies [...], under the tentts they carry with them, in some fine little vally

⁴² Austin Coates, “A Macao Narrative”, 1993, p. ii.

⁴³ Peter Mundy, *op. cit.*, p. 65.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, pp. 65-66, respectivamente. Mais uma vez, o exótico marca presença, pois Mundy compara as vestes dos jogadores com as de “moiros da Berbéria” e de “cristãos, tendo cada um os seus negros ou cafres”, opondo as duas partes adversárias envolvidas no jogo. Mais uma vez, o vestuário é descrito com uma forte carga simbólica. Outra comparação presente no texto é a que o autor estabelece entre os “rápidos e corajosos” cavalos existentes em Macau e uma outra raça inglesa, os *Cornish Nagges* (p. 60).

by a Running water, off which here is store. These are the Delightts of the Portugalls in these parts, with others⁴⁵.

Tal como Mundy, e a maioria dos visitantes estrangeiros, também o comerciante Alexander Hamilton, que visita Macau (mais empobrecida) no início do século XVIII, descreve as construções de prestígio e marcas culturais e históricas de um passado glorioso, ou seja, as igrejas e as fortificações que defendem a cidade: “[...] Indeed their beautiful Churches and other Buildings give us a reflecting Idea of its ancient Grandeur, for in the Forepart of the seventeenth Ccentury [...] it was the greatest Port of Trade in India or China. [...]”⁴⁶

A miscigenação é também um tema recorrente, sendo também observado, quer entre homens europeus e mulheres “mandarines”⁴⁷ quer entre descendentes de relações entre colonos e nativos noutras localidades do Índico, os “half-castes” descritos por Alicia Helen N. Little no seu romance “*A Millionaire’s Courtship*”: “[...] Girls with magnificent hair, fine eyes [...] women with Chinese features, but a sweetness of expression unknown in China. [...]”⁴⁸

As casas senhoriais portuguesas em comunhão com o bairro chinês, o rio e os jardins públicos maravilharam o visitante, sendo que diversos botânicos ingleses visitam a cidade para recolher espécies de plantas durante as suas viagens globo fora, destacando-se William Kerr, o jardineiro de George III, que visita Macau em 1803.

Em relação à exótica presença chinesa, muito do poder dessa comunidade e das autoridades chinesas da Casa Branca advinham do facto de toda a alimentação da cidade ser ‘importada’ da China e poder ser impedida de ser vendida pelo mandarim, como observa Henry Charles Sirr (1849): “[...] The greatest enemy to be dreaded by the Portuguese would be famine, in the event of a war with the Chinese; for [...] the principal supplies come from the mainland. [...]”⁴⁹ Os cristãos encontram-se separados dos chineses por uma muralha que isola Macau, erguida por estes últimos. Face ao exótico em (semi)comunhão com o familiar, o viajante protestante recorre à comparação, por semelhança e disseme-

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 66-67, respectivamente.

⁴⁶ Alexander Hamilton, “*A New Account of the East Indies*”, 2 vols., 1727, p. 69.

⁴⁷ Richard Glasspole, «*A brief narrative of my captivity...*», 1809, p. 132.

⁴⁸ Alicia Helen N. Little, “*A Millionaire’s Courtship*”, 1906, p. 117

⁴⁹ Henry Charles Sirr, “*China and the Chinese*”, vol. I, 1849, p. 161.

lhança, para veicular ao leitor europeu a imagem da alteridade anacrónica que se desvenda perante o seu olhar: “[...] There on the Praya, a miniature Bay of Naples [...] the Portuguese band making music in the evenings [...] in **mediaeval** Macao [...]”⁵⁰, como se o tempo não fugisse na cidade.

O pintor inglês George Chinnery emigra da Índia para Macau onde vive 27 anos (1825-1852), encontrando-se sepultado no Cemitério Protestante do enclave⁵¹. Chinnery vive e pinta no seio das comunidades chinesa, portuguesa, inglesa e americana registando a exótica cor e vivência de tipos sociais/culturais locais como os vendedores de rua e as tancareiras de Macau, ao longo das centenas de gravuras, esboços e desenhos que existem actualmente espelhados por todo o mundo. Cada vez mais, esses mesmos registos pictóricos se tornam documentos únicos da história de Macau, tais como as gravuras de William Alexander pintadas durante a embaixada de Lord George Macartney a Pequim que permanece em Macau (1793), conforme descreve Sir George Staunton (1737-1801) em “*An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China* (1797)”, onde constata o declínio do entreposto comercial português, tal como John Barrow, secretário de Macartney, e Aeneas Anderson, oficial da comitiva, que publicam relatos dessa mesma viagem diplomática. O diário que o próprio Lord Macartney redige durante a embaixada informa os ingleses da fraqueza do enclave e da facilidade com que este seria tomado por tropas inglesas, palavras que adquirem um novo significado à luz da política inglesa na China, das tentativas de ocupação de Macau e das Guerras do Ópio:

The Portuguese who, as a nation, have been long really exanimated and dead in this part of the world, although their ghost still appears at Macao, hold that place upon such terms as render it equally useless and disgraceful to them. It is now chiefly supported by the English, and on the present footing of things there the Chinese can starve both it, and those who support it, whenever they please. If the Portuguese made a difficulty of parting with it to us on fair terms, it might easily be taken from them by a small force from madras [...]. Or with as little trouble and with more

⁵⁰ Alicia Helen N. Little, *op. cit.*, pp. 219-220 (negrito nosso).

⁵¹ Vide Patrick Connor, *passim* “*George Chinnery, artist of India and the China coast*”, 1993.

advantage we might make a settlement in Lantao or Cow-hee, and then Macao would of itself crumble to nothing in a short time⁵².

Uma figura portuguesa desde cedo associada pelos estrangeiros a Macau é Luís Vaz de Camões, génio solitário exilado, que, segundo reza (um)a agradável lenda, teria escrito parte do seu poema épico na famosa “Gruta”, a que mais tarde se viria a dar o seu nome. São várias as personalidades e viajantes estrangeiros, bem como habitantes de Hong Kong que descrevem a melancólica gruta quer em textos quer nos mais diversos esboços e gravuras. O governador de Hong Kong (1854-59), *Sir John Bowring*, dedica um soneto a Macau, a “Gem of the Orient”⁵³, cantando ainda a natureza, a bravura e a glória dessa terra noutras composições poéticas⁵⁴.

Ao longo dos textos por nós analisados torna-se notório que os interesses políticos dos portugueses, dos chineses e das potências estrangeiras que se servem de Macau para penetrar na China entram em conflito, dando lugar a duras críticas por parte de mercadores ingleses, que ora afirmam que o governo português da cidade é inexistente, pois são os chineses quem manda na cidade, ora recorrem ao apoio dos agentes lusos que servem de ‘ponte’ entre os restantes “bárbaros do Sul” e as autoridades chinesas para poderem comercializar e arrendar casas em Macau. Por diversas vezes, os ingleses tentam apoderar-se da cidade sem sucesso⁵⁵ vindo, no século XIX, a fundar Hong Kong, entreposto que modificaria a importância internacional de Macau para sempre.

O jogo é uma das características de Macau mais referidas, sendo sinónimo de vício, perdição e crime para uns, facilitando o mercado da prostituição, e ainda sinónimo de gozo e simples diversão para outros. No poema «Macao» de W. H. Auden, que visita a cidade em 1938, o sujeito lírico chama ao território “A weed from Catholic Europe”⁵⁶ que

⁵² *Lord Macartney, op. cit.*, p. 211.

⁵³ *Sir John Bowring*, «Sonnet to Macao», in “*Album da Gruta de Camões*”: Cópia enviada à Sociedade de Geographia de Lisboa, 1893, p. 88.

⁵⁴ *Sir John Bowring*, «Tradução do soneto a Macao por Sir John Bowring.», tradução de C. J. Caldeira, in “*Memoria dos Festejos celebrados em Hongkong por ocasião do tricentenário do príncipe dos poetas portugueses*”, 1880, p. 71.

⁵⁵ Para a descrição de um destes momentos veja-se Manuel Teixeira, «*Os ingleses ocupam Macau*», in *Miguel de Arriaga*, 1966, pp. 43-55.

⁵⁶ W. H. Auden, *Collected Poems*, introdução e notas de Edward Mendelson, 1991 [1976], p. 176. Para um estudo comparativo deste mesmo poema com outro

nasceu na China de forma discreta. De um lado igrejas, do outro casinos e bordéis, enfrentando-se mutuamente, daí que esta singularidade cultural e moral a torne numa “[...] city of indulgence [...]” onde os vícios infantis se contrapõem às baixas virtudes, “[...] and nothing serious can happen [t]here [...]”⁵⁷, ideia repetida pelo escritor-jornalista americano Robert Shaplen, no seu conto “*A Corner of the World:*” “[...] Wherever you went in the East, people talked about Macao as a place of sin and revelry, but you didn’t really start hearing the facts until you reached Hong Kong [...]”⁵⁸, e por Crosbie Garstin:

For Macao is a hell on earth [...]. It is a place that thrives on the financial, physical and moral ruin of thousands, luring the feeble-minded to such excess that in the end they sell their children into slavery or commit suicide [...] I should have expected nothing but what I did find, perfect peace — on the surface⁵⁹.

Também Ian Fleming, que visita Macau em 1959 afirma em “*Thrilling Cities*” que “[...] Gold, hand in hand with opium plays an extraordinary secret role through the Far East, and Hong Kong and Macao, the tiny Portuguese possession [...] are the hub of the whole underground traffic [...]”⁶⁰. A vivência e o carácter únicos de Macau, quer pela positiva quer pela negativa, são referidos por inúmeros escritores-viajantes, podendo uma das atitudes mais comuns ser resumida através da afirmação de um escritor norte-americano, Osmond Tiffany, Jr., que afirma, na década de 40 do século XVIII: “[...] A man sick of the world, worn out and disgusted by himself and every one else, would find Macao a home more suited to his palled tastes and jaded spirit than any other spot that I could name. [...]”⁶¹

Tal como para romancistas, poetas, embaixadores, agentes da E. I. C., missionários como Robert Morrison⁶² ou, mais recentemente, os *globe*

soneto intitulado «Hong Kong» veja-se Rogério Miguel Puga, «Macao» e «Hong Kong» de W. H. Auden: uma abordagem comparativista», *Revista Administração*, n. 55, vol. XV, 2002-1, pp. 325-338.

⁵⁷ W. H. Auden, *ibidem*.

⁵⁸ Robert Shaplen, “*A Corner of the World*”, 1950, p. 3.

⁵⁹ Crosbie Garstin, *op. cit.*, p. 5.

⁶⁰ Ian Fleming, “*Thrilling Cities*”, 1963, p. 15.

⁶¹ Osmond Tiffany, Jr., “*The Canton Chinese...*”, 1849, p. 218.

⁶² Robert Morrison, “*A View of China, for Philological Purposes Containing a Sketch of Chinese Chronology, Geography, Government, Religion and Customs*”, impresso em Macau, 1817.

trotters, Macau tem sido um porto seguro para as comunidades estrangeiras que, a partir do século XVII, procuram uma feitoria na costa do Sul da China. Sendo, inicialmente, os mercadores ingleses mantidos à distância mas também relativamente auxiliados pelos portugueses, estes últimos são vistos como rivais ou obstáculo para o estabelecimento britânico no Império do Meio, sobretudo os poderosos membros do clero católico, como John Barrow afirma quando da embaixada de Macartney⁶³. As imagens ou representações de Macau na literatura e nas artes plásticas inglesas espelham um território onde convivem diferentes etnias, comunidades e culturas, sendo a lei lusitana limitada pela observação e lei dos mandarins. É, portanto, uma visão de um Oriente com algumas feições portuguesas, uma vez que falar de Macau é falar da gesta marítima portuguesa, sendo o enclave um retrato-metáfora desses mesmos feitos através da sua multiplicidade cultural, tanto familiar como exótica.

Estes mesmos relatos, alguns dos quais (proto-)etnográficos, são documentos essenciais para a História de Macau e da presença portuguesa no Oriente, complementando ausências na documentação portuguesa e a que se deve recorrer para reconstruir a História de um enclave especial no Sul da China.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia primária:

- AUDEN, W. H., «Macao», in “*Collected Poems*”, introdução e notas de Edward Mendelson, Faber and Faber, Londres, 1976, p. 176.
- BARROW, John, *Travels in China Containing Descriptions, Observations, and Comparisons, Made and Collected in the Course of a Short Residence at the Imperial Palace of Yuen-Min-Yuen, and on a Subsequent Journey Through the Country from Peking to Canton. In which it Is Attempted to Appreciate the Rank that this Extraordinary Empire May be Considered to Hold in the Scale of Civilized Nations*, T. Cadell and W. Davies, Londres, [1804]1806.
- BOWRING, Sir Hohn, «Sonnet to Macau», in “*Album da Gruta de Camões*” — *Cópia enviada à Sociedade de Geographia de Lisboa pelo Governo de Macau por ocasião de se preparar a reunião do Congresso Internacional dos orientais em Lisboa (1892)*, Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 12^a série, n. 2, Imprensa Nacional, Lisboa, 1893, p. 88.
- , «Tradução do soneto a Macao por Sir John Bowring», tradução de C. J. Caldeira, in “*Memoria dos festejos celebrados em Hongkong por ocasião do tricentenário do príncipe dos poetas portugueses Luiz de Camões*”, Typographia de De Souza e Ca., Hongkong, 1880, p. 71.
- DEFOE, Daniel, “*The Farther Adventures of Robinson Crusoe*”, introdução de Guy N. Pocock, Dent, Londres, 1969.
- DOWNS, Jacques M., “*The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*”, Lahig University Press, Bethlehem, 1997.
- ENDACOTT, G. B., “*A History of Hong Kong*”, Oxford University Press, Oxford-Hong Kong, 1977.
- FLEMING, Ian, “*Thrilling Cities*”, Jonathan Cape, Londres, 1963.
- FREDERICKE, Caesar, «The voyage and travel of M. Caesar Fredericke, Marchant of Venice, into the East Indie, and beyond the Indies. Wherein are contained the costumes and rites of those countries, the merchandises and commodities, aswell of golde and silver, as spices, drugges, pearles, and other jewels: translated out of Indian by M. Thomas Hickocke.», in Richard

- Hakluyt (ed.), “*Voyages in Eight Volumes*”, vol. III, col. «Everyman’s Library», Dent, Londres, 1962, pp.198-269.
- GARSTIN, Crosbie, “*The Dragon and the Lotus*”, William Glasspole, Londres, 1928.
- GLASSPOLE, Richard, «A brief Narrative of my captivity and treatment amongst the Ladrones, December 8, 1809», in C. Neumann, “*History of the Pirates Who Infested the China Sea, From 1807 to 1810*, Oriental Translation Fund, Londres, 1831. Apud Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), “*Macao: Mysterious Decay and Romance*”, Oxford University Press, Hong Kong, 1997, pp. 127-134.
- GUNNISON, Charles A., «In Macao», in “*Wright American Fiction*”, v. 3, Press of Commercial Pub. Co. San Francisco, 1892, pp. 7-33.
- HAKLUYT, Richard, «The Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599: To the Right Honorable Sir Robert Cecil Knight, principall Secretarie to her Majestie, master of the Court of Wardes and Liveries, and one of her majesties most honourable privie Counsell.», in “*Voyages in Eight Volumes*”, vol. I, col. «Everyman’s Library», Dent, Londres, 1962, pp. 37-46.
- HAMILTON, Alexander, “*A New Account of the East Indies*”, 2 vols., John Mosman, Edimburgo, 1727. Apud Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), “*Macao: Mysterious Decay and Romance*”, Oxford University Press, Hong Kong, 1997, pp. 69-76.
- HARRISON, William, “*The Description of England: Folger Documents of Tudor and Stuart Civilization*”, Cornell University Press, Nova Iorque, 1968.
- HILLARD, Harriet Low, «March 3 [1831]», “*My Mother’s Journal: A Young Lady’s Diary of Five Years Spent in Manila, Macao and the Cape of Good Hope from 1829-1834*”, introdução e notas de Katherine Hillard, George H. Ellis, Boston, 1900.
- LITTLE, Alicia Helen N., “*A Millionaire’s Courtship*”, T. Fisher Unwin, Londres, 1906, apud Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), *Macao: Mysterious Decay and Romance*, Oxford University Press, Hong Kong, 1997, pp. 117-123.
- MACARTNEY, Lord, “*Britain and China Trade 1635-1842*”, vol. 8: “*An Embassy to China: Lord Macartney’s Journal, 1793-1794*”, introdução de J. L. Cranmer-Byng, Routledge, Londres, 2000.

- MUNDY, Peter, «Descrição de Macau, em 1637», in Charles Ralph Boxer, “*Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*”, edição facsimilada da edição da Imprensa Nacional de Macau de 1942, col. «Obra Completa de Charles Ralph Boxer», vol. II, Fundação Oriente, Lisboa, 1993, pp. 49-75.
- NEWBERRY, John, «(A) letter of M. John Newberry, written from Alepo, to M. Richard Hakluit of Oxford, the 28. Of May, Anno 1583.», in Richard Hakluyt, “*Voyages in Eight Volumes*”, vol. 3, col. «Everyman’s Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 271-272.
- , «His [John Newberry] third Letter to Maister Leonard Poore, written from Goa.», in Richard Hakluyt, “*Voyages in Eight Volumes*”, vol. 3, col. «Everyman’s Library», introdução de John Masefield, Dent, Londres, 1962, pp. 276-280.
- SHAPLEN, Robert, “*A Corner of the World*”, Cresset Press, Londres, 1950.
- SIRR, Henry Charles, “*China and the Chinese*”, Vol. I, Wm. S. Orr & Co., Londres, 1849. Apud Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), “*Macao: Mysterious Decay and Romance*”, Oxford University Press, Hong Kong, 1997, p. 161.
- TIFFANY, Osmond, Jr., “*The Canton Chinese or The American’s Sojourn in the Celestial Empire*”, James Munroe and Company, Boston e Cambridge, 1849. Apud Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), “*Macao: Mysterious Decay and Romance*”, Oxford University Press, Hong Kong, 1997, pp. 217-218.

Bibliografia secundária:

- AA VV, *George Chinnery (1774-1852): “Macau uma viagem sentimental”*, Fundação Oriente e Fundação das Descobertas, Lisboa, 1995.
- ALVES, Jorge M. dos Santos Alves, *s.v.* «Macau», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), “*Dicionário de História Religiosa de Portugal*”, vol. J-P, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001, pp. 159-163.
- ARMITAGE, David, “*The Ideological Origins of the British Empire*”, Cambridge University Press, Cambridge, 2000.
- AZEVEDO, Rafael Ávila de, “*A influência da cultura portuguesa em Macau*”, col. «Biblioteca Breve», I. C. A. L. P., Lisboa, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail, “*The Dialogic Imagination Four Essays*”, introdução e notas de Michael Holquist, trad. de Caryl Emerson e Michael Holquist, University of Texas Press, Austin, 2000.

- BEECHING, Jack (ed.), *Richard Hakluyt. "Voyages and Discoveries"*, Penguin Books, Harmondsworth, 1972.
- BLACK, J. B., "*The Reign of Elizabeth*", 1558-1603, Oxford University Press, Oxford, 1976.
- BOCARRO, António, «Descrição de Macau, em 1635», in Charles Ralph Boxer, "*Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*", edição facsimilada da edição da Imprensa Nacional de Macau de 1942, col. «Obra Completa de Charles Ralph Boxer», vol. II, Fundação Oriente, Lisboa, 1993, pp. 19- 47.
- BRAGA, J. M., "*Hong Kong and Macao: A Record of Good Fellowship*", Notícias de Macau, Macau, 1960.
- , "*With the Flowery Banner: Some Comments on the Americans in Macao and South China*", s. e., Macau, 1940.
- CAMÕES, Luís de, "*Os Lusíadas*", actualização do texto e notas de Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, Porto, 1987.
- CANNY, Nicholas (ed.), "*The Oxford History of the British Empire*", vol. 1: "*The Origins of the Empire*", Oxford University Press, Oxford, 2001.
- CHAUDURI, KIRTI, «A concorrência holandesa e inglesa», in Francisco Bethencourt e Kirti Chauduri (eds.), "*História da Expansão Portuguesa*", vol. 2, Círculo de Leitores, Lisboa, 1998, pp. 82-111.
- COATES, "*A Macao Narrative*", Oxford University Press, Oxford-Hong Kong, 1993.
- COELHO, Rogério Beltrão, "*Casa Garden*", Fundação Oriente, Macau, 1991.
- CONNER, Patrick, «George Chinnery and his Contemporaries on the China Coast», in "*Arts of Asia*", May-June 1993, pp. 70ss.
- CORTÉS, Ovidi Carbonell i, "*Traducir al Otro: traducción, exotismo, poscolonialismo*", Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca, 1997.
- CURTO, Diogo Ramada «Descrições e relatos de viagem ao Oriente da segunda metade do século XVII», in Francisco Bethencourt e Kirti Chauduri (eds.), "*História da Expansão Portuguesa*", vol. 2, Círculo de Leitores, Lisboa, 1998, pp. 481-486.
- DIAS, Alfredo Gomes Dias, "*Macau e a I Guerra do Ópio*", Livros do Oriente, Macau, 1993.

- _____, “*Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*”, Livros do Oriente, Macau, 1998.
- FRYER, John, “*A New Account of East India and Persia*”, introdução de William Crooke, 3 vols., Hakluyt Society, Londres, 1909-1915.
- GEERTZ, Clifford, “*The Interpretation of Cultures: Selected Essays*”, Fontana Press, Londres, 1993.
- GRAYLING, A. C. e Susan Whitfield, “*A Literary Companion to China*”, John Murray, Londres, 1994.
- GRIMSHAW, Anna, “*The Ethnographer’s Eye: Ways of Seeing in Modern Anthropology*”, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.
- KEAY, John, “*The Honourable Company: A History of the English East India Company*”, Harper Collins, Londres, 19983.
- LOUREIRO, Rui, “*Um Tratado sobre o Reino da China dos Padres Duarte de Sande e Alessandro Valignano*”, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1992.
- LOWENTHAL, David, “*The Past is a Foreign Country*”, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.
- MORSE, Hosea Ballou, “*The Chronicles of the East India Company Trading to China 1635-1834*”, Cambridge University press, Cambridge, 4 vols., 1926.
- OLIVEIRA, Celina Veiga de, «A história e a modelação do estatuto de Macau», in “*Administração: Revista da Administração Pública de Macau*”, n.º 19/20, 1993, Serviço de Administração e Função Pública, Macau, pp. 7-21.
- PINTO, Carla Alferes, «A Casa Garden na cidade do Nome de Deus de Macau», *Oriente*, n.º 1, Setembro-Dezembro 2001, Fundação Oriente, Lisboa, pp. 18-22.
- PIRES, Benjamim Videira, “*Os extremos conciliam-se (transculturação em Macau)*”, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.
- PITTIS, Donald e Susan J. Henders (eds.), “*Macao: Mysterious Decay and Romance*”, Oxford University Press, Hong Kong, 1997.
- PORTER, Jonathan, “*Macau The Imaginary City: Culture and Society, 1557 to the Present*”, Westview Press, Oxford, 1996.
- PUGA, Rogério Miguel, «Os descobrimentos portugueses em *Principal Navigations* de Richard Hakluyt», “*anais de história de além-mar*”, 2002, no prelo.

- _____, «A dimensão da alteridade em “*The Travels*” de Peter Mundy (1637): Contribuição para o estudo das relações anglo-portuguesas no Extremo-Oriente», “*Revista de Cultura*”, 2002, no prelo.
- _____, “Imagens de Macau na Literatura Inglesa Setecentista: A Pérola do Oriente na Obra de Daniel Defoe”, “*Revista Administração*”; n.º 47, vol. XIII, edição bilingue (português-chinês), Macau, Março de 2000, pp. 327-339.
- _____, s.v. «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), “*Dicionário de Termos Literários*”, Editorial Verbo, Lisboa, no prelo.
- _____, “Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy’s *Travels*”, “*Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*”, Centro de História Além-mar-Universidade Nova de Lisboa, 2000, pp. 97-109.
- _____, «A Índia Portuguesa em “*The Principal Navigations*” de Richard Hakluyt», *Estudos Orientais*, no prelo.
- _____, “Trocar de Século — Poema: Macau na Poesia de Alexandre Pinheiro Torres”, “*Revista Administração*”, 2001, pp. 1131-1144.
- _____, «Imagens de Macau oitocentista: a visão intimista de uma jovem americana. O diário de Harriet Low (Hillard) (1829-33)», in “*Actas da V Semana Cultural da China*”, I. S. C. S. P., Lisboa, 2002, no prelo.
- _____, «Macao» e «Hong Kong» de W. H. Auden: uma abordagem comparativista», “*Revista Administração*”, n.º 55, vol. XV, Macau, 2002-1, pp. 325-38 .
- _____, “The picturesqueness of sleepy Macao: singularidade do espaço num conto de Charles Gunnison”, *Oriente*, Setembro-Dezembro 2001, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 108-118.
- _____, «The Presence of the ‘Portugals’ in Macao and Japan in Richard Hakluyt’s *Navigations*», “*Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*”, 2002, no prelo.
- _____, “The ‘Lusiads’ at Sea and the Spaniards at War in Elizabethan Drama: Shakespeare and the Portuguese Discoveries”, in Holger Michael Klein (dir.), “*Shakespeare Yearbook*”, vol. XII: “*Shakespeare and Spain*”, The Edwin Mellen Press, Nova Iorque, 2002, no prelo.

- _____, “A vivência social do género na Macau oitocentista: o diário de Harriet Low (Hillard)”, “*Administração: Revista de Administração Pública de Macau*”, n.º 56, vol. XV, Governo da Região Administrativa Especial de Macau-Direcção de Serviços de Administração e Função Pública, Macau, 2002, pp. 605-664.
- RAMALHO, Américo da Costa, «Algumas notas sobre a tradução inglesa (1599) do Colóquio sobre a China, escrito em Latim pelo Padre Sande (1590)» in “*Para uma História do Humanismo em Portugal*”, vol. III, col. «Temas portugueses», In-CM., Lisboa 1998, pp. 273-276.
- ROWSE, A. L., “*The Expansion of Elizabethan England*”, Macmillan & Co. Ltd, Londres, 1955.
- SAID, Edward, “*Orientalism*”, Penguin Books, Harmondsworth, 1995 [1978].
- TEIXEIRA, Manuel, “*George Chinnery no bicentenário do seu nascimento*”, Imprensa Nacional, Macau, 1974.
- TEIXEIRA, Manuel, «Os ingleses ocupam Macau», in *Miguel de Arriaga*, Imprensa Nacional, Macau, 1966, pp. 43-55.
- TOMÉ, Eduardo e João Murinello, “*A Herança Arquitectónica de Macau*”, Companhia de Seguros Império, Lisboa, s.d.
- WILLS JR., John E. Wills, «The survival of Macao, 1640-1720», in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), “*Portugal e a China: Conferências no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (séculos XVI-XIX)*”, Fundação Oriente, Lisboa, 1999, pp. 111-124.

